



AS REPRESENTAÇÕES DA MULTICULTURALIDADE E DA *MIGRANTENLITERATUR* NA OBRA *SCHÖNHAUSER ALLEE*, DE WLADIMIR KAMINER

THE REPRESENTATIONS OF MULTICULTURALISM AND
MIGRANTENLITERATUR IN THE WORK *SCHÖNHAUSER ALLEE*, BY
WLADIMIR KAMINER

Gabriela Gomes de Oliveira*

* gabrielagomes.deoliveira@outlook.com
Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos
Literários (Deutsche Philologie) da Universidade de Colônia (Colônia,
Alemanha) com bolsa de estudos fomentada pelo DAAD (Deutscher
Akademischer Austauschdienst).

RESUMO: A obra do escritor russo Wladimir Kaminer figura entre as mais significativas no contexto literário atual da Alemanha. Por intermédio de seus escritos, o autor nos transporta em uma viagem interessante pelos caminhos da literatura produzida por aqueles que, mesmo não tendo o alemão como idioma nativo, o escolheu como suporte de sua literatura. No presente artigo, serão discutidos alguns conceitos importantes que permeiam a produção escrita de autores não nascidos na Alemanha, como é o caso de transculturalidade, interculturalidade e multiculturalidade. Além disso, o processo migratório por que passou o país também ganha destaque, uma vez que o surgimento da literatura produzida por esses novos moradores proporcionou, e ainda proporciona, debates importantes em torno de termos como “Literatura de migrantes”. Sendo assim, as relações entre pessoas com origens culturais distintas que ocupam o mesmo espaço social ganham representatividade nas crônicas de Wladimir Kaminer.

PALAVRAS-CHAVE: Wladimir Kaminer; Multiculturalidade; Alteridade; Berlim.

ABSTRACT: The work of Russian writer Wladimir Kaminer is among the most significant in today’s German literary context. Through his writings, the author takes us on an interesting journey along the paths of literature produced by those who, although not having German as their native language, chose him as the support for their literature. In this article we will discuss some important concepts that permeate the written production of authors not born in Germany, such as transculturality, interculturality and multiculturalism. In addition, the migration process that the country has gone through also gains prominence, since the emergence of literature produced by these new residents has provided, and still provides, important debates around terms such as “Migrant Literature”. Thus, the relations between people with distinct cultural origins that occupy the same social space gain representation in the chronicles of Wladimir Kaminer.

KEYWORDS: Wladimir Kaminer; Multiculturalism; Alterity; Berlin.

UMA REFLEXÃO SOBRE A ALEMANHA: MIGRAÇÃO E LITERATURA

Os Estudos Culturais vêm se destacando significativamente nos âmbitos da sociologia, da antropologia e da literatura. Pensar a questão da alteridade talvez seja um caminho por meio do qual se possibilite uma abertura que leve a novas maneiras de enxergar as diferentes culturas, em que as barreiras entre elas possam configurar-se por fronteiras terrestres e não tanto por fronteiras ideológicas. A partir desse contexto, torna-se interessante destacar que as barreiras geográficas não figuram como empecilhos comunicacionais como há anos atrás, uma vez que o aparecimento de novas tecnologias por intermédio da globalização gerou “uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro” (BAUMAN, 2005, p. 11).

Há, no entanto, outro fator que sofreu direta influência a partir das transformações sociais acarretadas pela globalização: a migração. Esse fenômeno proporcionou, e proporciona, não apenas vínculos sociais no que se refere à economia e ao mercado de trabalho, mas, e principalmente, articula o contato entre indivíduos dessemelhantes em determinados aspectos. Conforme Stolarczyk-Gembiak

(2015, p. 189, tradução nossa), “A migração é um resultado do processo contínuo da globalização e das redes econômicas”. Em busca de melhores condições de vida e até mesmo de novas experiências, milhares de pessoas deixam sua terra natal e aventuram-se no estrangeiro. Nos tempos atuais, segundo levantamento da ONU (Organização das Nações Unidas), o número de migrantes internacionais, isto é, indivíduos vivendo fora de seu país pelos mais variados motivos, chegou a 272 milhões de pessoas em 2019.

Dentre as inúmeras razões, inclusive políticas, para as grandes ondas migratórias passadas e atuais, destaca-se, a fim de ilustrar essa análise, a que se refere à União Soviética. Sabe-se a declaração de independência de algumas repúblicas integrantes do Bloco Soviético resultou na abertura das fronteiras desses antigos países comunistas, o que acarretou o aumento do movimento migratório e, por conseguinte, contribuiu para que muitos cidadãos daquelas regiões procurassem por outros destinos. Mesmo antes da Rússia declarar-se independente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 12 de junho de 1990, vários habitantes daquele país já haviam solicitado asilo político no estrangeiro como, por exemplo, na Alemanha.

Diante do breve panorama acerca da migração exposto até aqui, surge o autor que delimita o objeto de estudo desta investigação e que também esteve envolvido pela manta

migratória. Wladimir Kaminer nasceu em 19 de julho de 1967, em Moscou, antiga União Soviética, e se formou como engenheiro de som para rádio e teatro. Em 1990 recebeu asilo humanitário da República Democrática Alemã e desde então reside no país. Sua trajetória na literatura alemã começou logo que se mudou para Berlim, residindo em Prenzlauer Berg – bairro que possui um forte cenário cultural e intelectual. Por muitos anos ele foi membro da *Reformbühne Heim & Welt* [Palco de reforma Casa & Mundo], publicou textos em diversos jornais e revistas alemãs, além de apresentar um programa semanal de rádio que levava o nome *Wladimirs Welt* [Mundo Wladimir] no canal SFB 4 *Radio Multikulti* [Rádio Multicultural]. Mas foi a partir da publicação de seu primeiro livro “Balada Russa”, em 2000, que seu percurso literário ganhou força. Em seguida publicou ainda 29 livros, sendo o mais recente de 2020, intitulado *Die Kreuzfahrer* [O passageiros do cruzeiro marítimo] e ainda sem tradução para o português.

Wladimir Kaminer se define como um russo de nascimento e um alemão na vida profissional. Essa descrição de si mesmo é aquela de alguém que transita por duas nações e, ao mesmo tempo, por duas culturas - russa e alemã - e parece reforçar a concepção de que as identidades tendem a ser cada vez menos sólidas e estratificadas. Conforme Stolarczyk-Gembiak (2015, p. 188), a identidade é um

campo amplo, pois ela deve ser considerada na perspectiva social, religiosa e cultural. Seja a influência proveniente da convivência com diferentes grupos culturais, pelas questões religiosas ou pelo fato de residir em outro país; o caso é que as questões da identidade e do pertencimento se manifestam fortemente quando se trata de migração e alteridade.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

A decisão de migrar à Berlim, de viver naquela cultura e ainda assim carregar determinados traços da própria pátria reflete a grande heterogeneidade representada pelo indivíduo. Cabe dizer, portanto, que a obra de Wladimir Kaminer seja de extrema importância para a discussão dos conceitos de migração, alteridade, identidade e pertencimento, parece também possível encontrar todas essas marcas no sujeito que escreve. A começar pelo fato de que, embora nascido na Rússia, Kaminer escolheu o alemão como suporte linguístico de sua criação literária e não o russo.

Segundo Viitanen (2004, p. 45), os autores estrangeiros que optam pelo alemão como seu idioma literário acabam por realizar um ato social e até político em sua escolha. Ela afirma que escrever, portanto, não é apenas uma expressão da luta pessoal do autor, mas um ato social, pois atua como mediador entre as culturas.

Perceber a escrita como uma luta pessoal e também como uma questão social não parece algo infundamentado. Ao tratar-se da literatura dos *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados], por exemplo, isso poderia ser levado em conta. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em meados de 1960, o governo alemão fez acordos de recrutamento com vários países como Itália, Grécia, Espanha e Turquia. O principal objetivo consistia em reconstruir a Alemanha em ruínas, partindo do pressuposto de que, finalizada a tarefa e quando o país estivesse em melhor condição econômica, esses trabalhadores convidados retornariam para sua terra natal. Contudo, muitos desses contratados constituíram família na Alemanha e adotaram o país como sua nova morada. Stolarczyk-Gembiak (2015, p. 188) aponta que, atualmente, cerca de 3 milhões de turcos vivem na Alemanha, incluindo 700.000 com raízes turcas. Vale ressaltar, ainda, que mais acordos como esse foram assinados até 1968 com Marrocos, Portugal, Tunísia e Iugoslávia.

Essa nova constituição social alemã proporcionou uma mudança também no âmbito literário, uma vez que surgiu uma literatura originada a partir de imigrantes – muitas vezes uma literatura produzida pelos próprios *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados] – a chamada *Gastarbeiterliteratur* [Literatura de trabalhadores convidados]. A nova vida em solo alemão é refletida nos escritos desses autores que abordam, sobretudo, a experiência de residir em um país estrangeiro, as questões de identidade, a diferença, a estranheza, a aquisição da linguagem, etc. Esse conceito, porém, gerou bastante controvérsia e foi posto em debate no âmbito da crítica literária germanófila, já que nem todos os estrangeiros que escreviam eram *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados] e nem todos pertenciam à classe trabalhadora ou tratavam seus problemas. Sendo assim, muitos outros conceitos surgiram com o intuito de nomear de alguma forma essas novas produções e satisfazer tanto a vontade dos estudiosos quanto dos autores: “Literatura da consternação”, “Literatura estrangeira”, “Literatura de migrantes ou migratória”, “Literatura das minorias”, “Literatura sem residência fixa”, “Literatura de estrangeiros” e, dentre outros, “Literatura com motivo de migração”. Por compreender que o conceito de *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes], que logo será analisado, comporta o trabalho produzido por Wladimir Kaminer, recorreremos a ele para tratar das obras deste autor.

O OLHAR DO *DOPPELGÄNGER*

Por meio de uma linguagem simples e de temas que remetem à vida cotidiana, Wladimir Kaminer aparece como um autor versátil da nova geração da literatura alemã. Os temas, embora importantes, são mencionados com leveza e levantam questões muito pertinentes como o consumismo, a integração social, a alteridade e a imigração. O autor, por sua vez, se torna um *Doppelgänger*; aquele que parece assumir o papel de narrador e personagem de sua própria história. Seu olhar sobre os acontecimentos é marcado por detalhes e opiniões, brincando, desta forma, com a noção do *eu* no texto. Na primeira crônica de *Schönhauser Allee* (2001), *Blut auf der Schönhauser Allee* [Sangue na Schönhauser Allee], nos deparamos com a história desse sujeito “duplo” – o *Doppelgänger* de Kaminer. “Meu amigo e homônimo Wladimir mora com sua família exatamente do outro lado da avenida Schönhauser. Às vezes ele parece ser o meu verdadeiro ‘duplo’, ou eu o dele. Ele tem a mesma idade que eu, o mesmo nome, usa as mesmas roupas e tem igualmente uma esposa e dois filhos” (KAMINER, 2001, p. 9, tradução nossa).

Os dois personagens moram na mesma avenida, possuem os mesmos hábitos e o mesmo estilo de vida familiar. A passagem supracitada retrata um episódio bastante inusitado, no qual o “duplo” teria encontrado um javali atropelado e

o levado para casa, como presente de reconciliação para a esposa. Por causa do sangue do animal nas escadas do prédio e pela briga do casal na noite anterior, os vizinhos logo suspeitaram de um homicídio e acionaram a polícia. Ao chegar ao local, os agentes viram que se tratava de um javali e não do corpo da esposa, liberando então o “suspeito”. “O duplo” representaria a parcela de ficção existente nas histórias, enquanto o “eu”, Kaminer, figuraria ao lado da verdade do vivido. O que corrobora com esse pensamento seria justamente o teor dos acontecimentos e a comicidade que eles engendram; uma vez que encontrar um javali no meio da estrada e levá-lo para casa não seria natural no dia-a-dia de um morador da capital alemã. Por um lado, tem-se o personagem representado pela figura real do autor e, por outro, esse mesmo autor metamorfoseado pela presença de um *Doppelgänger*.

Publicado em 2001 e ainda sem tradução para o português, *Schönhauser Allee* trata, sobretudo, da temática dos estereótipos dos imigrantes em Berlim, da convivência de culturas distintas, da questão do consumo, da globalização e dos vários personagens e suas relações em meio a um cenário tão heterogêneo. Composta por 48 crônicas, a obra reflete de forma irônica e bem-humorada a vida dos moradores daquele micro espaço social que, na verdade, parece simbolizar a grande sociedade multicultural da cidade.

Suas personagens são cômicas e realistas, fazendo com que o leitor as encare como verdadeiras figuras que residem e frequentam a avenida homônima. De acordo com Silke Schmitt (2002), Kaminer é frequentemente perguntado se os ‘heróis’ de suas histórias realmente existem. Para ela, o autor diz o que ele vê, descreve o pequeno mundo de um único ser humano e talvez resida exatamente aí sua força literária: grandes questões são retratadas e explicadas através das pessoas e de suas histórias.

O sucesso de suas obras, tendo em vista sua grande produção anual e sua constante presença na mídia, sugere que cada vez mais os autores da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes] ganham espaço no cenário literário alemão. Compreendida não apenas como uma literatura originada pelos *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados] ou como uma literatura não alemã, atualmente tende-se a concebê-la como “um termo coletivo para todos os textos que lidam com a migração. O foco está no encontro das diferentes culturas e as possibilidades de integração resultantes disso” (STOLARCZYK-GEMBIAK, 2015, p. 189, tradução nossa). Sendo assim, no campo literário abre-se espaço para autores nascidos fora do território da Alemanha e também para aqueles – alemães – que pertencem a gerações de migrantes. No entanto, nem sempre pôde-se pensar em uma concepção tão abrangente com relação a literatura de

língua alemã. Durante muito tempo, a literatura de escritores migrantes era considerada uma literatura “não alemã” e, portanto, uma literatura de nicho.

Ao longo de várias gerações da criação literária de autores imigrantes na Alemanha, desenvolveram-se diferentes formas de expressão de conceitos de identidade intercultural. É notório que a literatura de migrantes, atualmente, constitui parte significativa do repertório cultural da Alemanha e conta com uma extensa lista de intelectuais e artistas. Alguns escritores que pertencem a esse grupo merecem destaque aqui, como é o caso de Feridun Zaimoğlu e Rafik Schami. O primeiro, nascido na Turquia, emigrou com os pais em 1965 e escreve, dentre outras coisas, sobre os problemas da segunda e terceira geração de imigrantes turcos na Alemanha. Dentre suas obras mais importantes podemos citar *Kanak Sprak* de 1995, *Zwölf Gramm Glück* [Doze grammas de sorte] de 2004 e *Die Geschichte der Frau* [A história da mulher] de 2019. O segundo, por sua vez, nasceu na Síria, imigrou para o país germânico em 1970 e é considerado um dos autores de maior sucesso na literatura de língua alemã. Algumas de suas principais publicações são *Reise zwischen Nacht und Morgen* [Viagem entre noite e dia] de 1995 e *Die Sehnsucht der Schwalbe* [O desejo da andorinha] de 2000. As relações pessoais e sociais, as diferentes formas de ver e vivenciar a cultura e o país receptor, e o seu

de origem e, principalmente, o olhar do estrangeiro sobre o estrangeiro poderiam ser consideradas peças-chave no que se refere às temáticas da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes]. Sua crescente redescoberta e, até certo ponto, valorização parecem ter contribuído para os estudos acerca dessa corrente literária. Alguns pesquisadores como Ackermann (1983), parafraseado por Viitanen (2004, p. 42), afirma que existem quatro grupos de autores estrangeiros na Alemanha:

1) Estudantes, professores de alemão e tradutores, para quem o tema da vida em duas línguas é, por assim dizer, profissional, 2) o grupo dos “Gastarbeiter” em sentido amplo, isto é, incluindo mediadores estrangeiros que trabalham no campo social ou também como professores que lidam com estrangeiros, para quem a língua é uma questão de sobrevivência, 3) os chamados “filhos dos Gastarbeiter” da segunda geração, que muitas vezes crescem com melhores habilidades em língua alemã do que na língua materna. Um quarto grupo, numericamente pequeno mas importante, é formado por escritores que já fizeram um nome para si, embora, na maioria das vezes, não como profissão. Em parte, esses grupos se fundem (VIITANEN, 2004, p. 42, tradução nossa).

Ackermann (1983) reverbera um pensamento bastante difundido na década de 1980, momento em que a discussão

acerca da produção literária de autores não nascidos na Alemanha era evidente. Embora muito importante para os futuros desenvolvimentos teóricos que viriam permear essa temática, ajudando a reflexão sobre a origem e as características dos grupos de escritores que se constituem a partir da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes], a afirmativa do autor parece construir um pensamento que poderia excluir uma gama muito extensa de escritores migrantes que, em outras circunstâncias sociais e histórias, compõem essa corrente literária mas não comungam com os perfis supracitados. Não nos cabe aqui realizar uma análise ampla a respeito das afirmações do estudioso, mas sob a perspectiva que nos cabe, isto é, contextualizar o fazer literário de Wladimir Kaminer no cenário atual, pode-se compreender que este pertenceria ao quarto grupo, sendo um autor imigrante que, inicialmente, não exercia a escrita como sua profissão, mas que conquistou seu espaço por meio da literatura. Obviamente, contudo, o indivíduo Kaminer e, conseqüentemente seu trabalho, não se limitariam apenas ao atributo acima mencionado. Ao tratar de temas atuais da Alemanha e da Rússia e, ao mesmo tempo, evocar imagens para além desse eixo recorrendo-se ao humor, o autor se apresenta como um sujeito multifacetado, tendo suas obras como reflexo da heterogeneidade em vários âmbitos.

ASPECTOS DA MULTICULTURALIDADE EM *SCHÖNHAUSER ALLEE*

O conceito de *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes], como dito acima, tem despertado o interesse da crítica e do público leitor, além de suscitar a reflexão sobre o papel desses escritores na literatura alemã a partir dos *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados]. Sendo assim, alguns estudiosos que se debruçam sobre o tema procuram encontrar certas características básicas dessa literatura com o intuito de promover a melhor compreensão das obras. O primeiro ponto a se ressaltar seria a tentativa de uma percepção mais correta, e até mais justa, das culturas estrangeiras por intermédio da escrita de autores imigrantes. Ao relatarem as histórias, os cenários e os personagens de sua terra natal, o escritor poderia dar a conhecer aquilo que antes apenas era imaginado. Contudo, esse caráter autobiográfico de alguns livros da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes] já foi passível de crítica por parte de alguns teóricos. Sobre isso, Viitanen (2004, p. 41) cita Chiellino (1995) e ressalta que o termo “Literatura de migrantes” enfatiza demais a biografia, a situação de vida e o status social do autor, mas negligencia seu componente literário.

Conforme apontado, o fato de a *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes] trazer à tona determinados temas biográficos e sociais acabaria, por sua vez, deixando de lado

alguns elementos essenciais para a literatura. Entretanto, ao pensar o contexto da obra *Schönhauser Allee* (2001) e da crônica *Das Multihaus* [O edifício multicultural] a ser analisado neste texto, observa-se que alguns componentes que contribuem para um texto ser compreendido como literário não estão ausentes. Embora a obra seja compreendida como uma autoficção, pois “quando Kammerer afirma que suas histórias realmente tenham acontecido, ele diz, ao mesmo tempo, que de maneira oportuna ele modifica ligeiramente o acontecimento ao escrever. Por isso, não se pode conceber esses textos puramente como autobiográficos” (CRHOVÀ, 2011, p. 24, tradução nossa), ela também suscita a reflexão social e não sugere ignorar algumas marcas literárias importantes como a linguagem, a criação de personagens, etc.

A questão conflitante é que na afirmação de Chiellino (1995), parafraseada por Viitanen (2004), não fica claro quais seriam os componentes literários imprescindíveis para que uma obra da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes] seja qualificada como literária. Além disso, buscar definir a literatura ou o texto literário requer um longo e atento estudo, vários debates e reflexões, apresentando-se como um campo bastante delicado. De todo modo, essa afirmação merece atenção e abre caminho para uma reflexão posterior. Outros estudiosos, entretanto, entendem

que as questões sociais e culturais abordadas nessas obras fazem parte de um processo de aculturação por parte do autor, em que este se adapta a cultura receptora e, por meio dessa transformação e modificação cultural do indivíduo, surge uma escrita carregada de significação pessoal. Assim, os textos, segundo Viitanen (2004, p. 43-44), emergem desse acontecimento e cada trabalho desempenha um papel relevante na libertação pessoal e no processo de enfrentamento do autor, mas cada escrita é, ao mesmo tempo, uma parte da cultura de migrantes.

Essa interpenetração de culturas cercada de mudanças sociais, devido ao contato constante entre elas, enfatiza o papel importante da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes] nesse processo. Como citado, essas obras, por um lado, colaboram para a reflexão e até certa adaptação do autor imigrante no novo país e, por outro lado, inserem na sociedade anfitriã uma literatura nacional de olhar duplo, isto é, uma literatura produzida em solo alemão e que carrega consigo traços marcantes desta cultura, mas que, ao mesmo tempo, foi originada pelo olhar da alteridade que apresenta referências da cultura estrangeira a qual pertence o autor. A relação entre as várias culturas propiciada pela imigração pode ser melhor compreendida por meio da já mencionada crônica *Das Multihaus* [O edifício multicultural], de *Schönhauser Allee* (2001).

O espaço certamente vincula-se à identidade, isto é, ele se torna o local onde a cultura reside e onde suas manifestações são vivenciadas. Wladimir Kaminer escolheu um prédio localizado na avenida Schönhauser para transmitir um pensamento voltado à noção dos estereótipos vinculados a alguns povos, assim como à alteridade e à interação coletiva que cercam esse edifício – símbolo da ampla multiculturalidade existente em Berlim. “Na avenida Schönhauser, que por cinco anos tem sido o meu lar por escolha, constantemente acontecem histórias estranhas” (KAMINER, 2001, 190-191, tradução nossa). O autor inicia seus relatos através da descrição da mudança de uma vizinha que, repetidamente, o encarava de forma excêntrica como se ambos tivessem algum tipo de romance. Essa situação parece sugerir que a alteridade é algo recorrente naquele local já que o comportamento da vizinha lhe causa certo estranhamento.

“Dos doze apartamentos no nosso prédio, apenas quatro são alugados a alemães [...]” (KAMINER, 2001, p. 90, tradução nossa)”. Essa passagem revela o quão multicultural é esse edifício, visto que estando na Alemanha apenas quatro famílias são alemãs. Abordar, porém, a concepção de multiculturalidade requer certo cuidado, uma vez que existem inúmeros conceitos que, de certo modo, refletem o raciocínio do que é ser multicultural. Um deles seria a noção de transculturalidade, que aponta para a grande miscigenação

das culturas atuais, deixando de lado a ideia de homogeneidade e de separação social que antes existia. As fronteiras entre os povos tornam-se cada vez menores e o indivíduo, portanto, não apresenta apenas o molde de uma identidade, mas a mistura de várias. Isto significa que, cada vez mais, as gerações contemporâneas estão interligadas.

Um dos estudiosos a se ocupar dessa temática foi Wolfgang Welsch (2010). Para ele, a transculturalidade não avança apenas no ‘macro nível social’ mas, igualmente, no ‘micro nível individual’. A concepção de sujeito seria determinada por meio de nossa formação cultural, origem e relações culturais. Nós somos, portanto, culturalmente mestiços, sendo a identidade cultural dos indivíduos, ainda de acordo com Welsch (2010), uma identidade-*patchwork*. Esse pensamento reflete aspectos da concepção atual de formação cultural permeada por traços e elementos de diferentes origens. Outro conceito em voga, quando se trata de relações sociais e culturais, é a de interculturalidade. Stolarczyk-Gembiak (2015) afirma que esse conceito foi baseado no *Kugelmodell* [Modelo de esfera] de Johann Gottfried Herder, no qual as diferentes culturas existentes são consideradas unidades estáveis e separadas. Dessa maneira, a autora explica que as relações interculturais referem-se a culturas que são pensadas como conjuntos holísticos e as relações funcionariam, assim, em e entre

eles, enfatizando a diferença entre as culturas e buscando a possibilidade de sua conexão.

Já o conceito de multiculturalidade, utilizado para a elaboração das ideias deste artigo, está voltado para a coexistência de diferentes grupos culturais em um mesmo local. Beyersdörfer (2002) entende como multiculturalidade a presença simultânea de diferentes grupos culturais, com uma ordem não negligenciável, em um determinado espaço. Ela se refere, sobretudo, ao fato empiricamente constatado que, dentro de uma sociedade, existem diversas culturas, embora fique em aberto como essa multiculturalidade tem origem e se os grupos convivem juntos de forma pacífica ou conflituosa. Uma sociedade multicultural, portanto, seria aquela em que diversas culturas se relacionam por um longo período e em um considerável número de indivíduos. Isso significa que essas pessoas, mesmo provindas de várias partes do globo, fazem parte daquela sociedade específica e dividem o mesmo espaço social.

Ao afirmar que, dentro de uma sociedade, povos de várias culturas podem conviver de forma conjunta, a ideia de Beyersdörfer se aproxima muito do que se desenrola na avenida Schönhauser. Obviamente, a grande maioria das culturas está em constante processo de transformação, elas não estão fechadas dentro de um pequeno núcleo e tampouco deixam de se relacionar. A Alemanha, principalmente,

vive em um cenário único que possibilita a convivência e a interação de diferentes grupos sociais. Ao concordar-se, porém, com a afirmação do autor de que muitas sociedades coexistem dentro de um espaço, é referido aqui o espaço de representação social construído por Kaminer – o edifício na *Schönhauser Allee*.

A multiculturalidade existente naquele local demarcado decorre exatamente da pluralidade social que lá se encontra e, como afirma o autor, essa coletividade pode ser marcada tanto por conflitos quanto por harmonia. As várias identidades que Kaminer expõe nessa crônica são reflexo do grande fluxo migratório que ocorreu e continua ocorrendo em toda a Alemanha, e que faz da alteridade um processo ainda mais vivo na sociedade contemporânea. Segundo Stolarczyk-Gembiak (2015), as formas sociais e culturais de hoje transcendem as culturas individuais e dissolvem os limites das culturas nacionais. Sob esta perspectiva, a dissolução de identidades sólidas e culturas individuais teriam reflexo no espaço social narrado em *Das Multihaus* [O edifício multicultural].

Há o homem velho e gordo no primeiro andar, que todo dia se senta em frente ao ponto de ônibus, aparentemente esperando pelo bonde, mas nunca vai embora. Depois a mulher da motocicleta, uma dama esportiva, que carrega sua moto

para dentro do apartamento. Além disso, há a antiga inquilina que nos tem como búlgaros e toda vez quer conversar com a gente sobre Sofia, embora eu já tenha dito mais de uma vez que eu nunca estive lá. E então, bem acima no sótão, um homem sem idade, com o rosto de um genocida e uma mulher colombiana. Os asiáticos têm dois apartamentos: eles são os vietnamitas dos chinelos e os vietnamitas da quitanda. E ainda por cima há os russos, uma família islâmica de sexo grupal e no último andar a república latina (KAMINER, 2001, p. 90, tradução nossa).

Na passagem acima são retratados os moradores do edifício a partir do olhar do narrador estrangeiro. Cercada de estereótipos, a narrativa aponta algumas características fundamentais do conceito de multiculturalidade; os diferentes grupos culturais dividem e coexistem no mesmo espaço, mas, ao mesmo tempo, as percepções de cada indivíduo acerca do outro são permeadas pelo lugar-comum. Para Stolarczyk-Gembiak (2015), a multiculturalidade refere-se ou à polarização, o “estrangeiro” versus “o próprio” ou, mais frequentemente, à tentativa de coexistência, lado a lado, da cultura de origem e a de destino. Essa tentativa de coexistência é claramente percebida por meio da história da crônica, já que aponta os olhares do Eu sobre o Outro em um local totalmente heterogêneo.

Por intermédio do humor e de certa ironia torna-se viável encontrar no trecho acima traços de uma cultura bastante diversificada, a começar pela inclusão dos próprios alemães neste círculo observado. Além disso, parece possível identificar uma grande leveza diante de temas tão complexos e que levam a tantos questionamentos - como é o caso da imigração e da alteridade. Kaminer parece querer ressaltar que, mesmo diante de formas diferentes de ver e viver a vida, todos poderiam dividir o mesmo espaço social no qual residem. Obviamente, a convivência nem sempre é pacífica, pois, mesmo através do respeito ao próximo, a heterogeneidade não deixa de estar presente.

O que diferencia a nossa moradia de outras é o seu cheiro muito peculiar. Eu até mesmo afirmaria que é um cheiro único. O melhor momento para senti-lo é por volta das três horas, quando os vietnamitas de cima e de baixo começam a fritar seu peixe podre e a velha senhora ao lado coloca a sua sopa de repolho sobre o fogão, os turcos assam os seus pedaços de cordeiro e os latinos se encarregam de proporcionar ao edifício o acompanhamento musical tocando 'Guantanamera' (KAMINER, 2001, p. 91, tradução nossa).

Como objeto símbolo para a multiculturalidade foi escolhido o cheiro, tão único como os moradores daquele local.

O fragmento acima reflete a proximidade com a cultura de tais comunidades e nações que está presente em um espaço geográfico distante de suas raízes. O cheiro simboliza a alteridade, mas também a singularidade ímpar de cada sociedade: a refeição. Neste momento, mesmo cercados por alimentos variados, sentimos um apreço muito grande pelo que nos é típico e isto independe do local de origem. Além do cheiro, os estereótipos que são concedidos aos latinos também chamam a atenção. O acompanhamento musical "Guantanamera" é típico para a América Latina, e isso faz com que o narrador suponha que o som venha de seus vizinhos latinos. A questão dos estereótipos é muito frequente na obra, por querer, talvez, que isso não seja mais um tabu ou (pre)conceito para com o que se vê multicultural.

Ao final da crônica, o narrador é convidado a conceder uma entrevista a um jornal local, mas o entrevistador se surpreende com o mau cheiro do ambiente. Nesse momento, a situação conflitante dos diversos cheiros que percorrem o edifício descreve, por um lado, o ambiente experienciado pelo estrangeiro que lá vive juntamente com todos os seus contratempos e, por outro, a possibilidade de convívio entre essas diferentes culturas. "Você tem um cadáver no apartamento?", ele me perguntou. – "Não", eu respondi, "nosso prédio cheira assim sempre ao meio-dia." – "E de onde vem isso?" – "Isso é multicultural!", eu disse

constrangido. – “Muito interessante”, o jornalista falou tapando o nariz” (KAMINER, 2001, p. 92, tradução nossa).

Ao afirmar que aquele edifício e a situação que lá se passava carregam traços de “multicultura”, Kaminer parece confirmar a escolha do termo multiculturalidade em detrimento de transculturalidade ou de interculturalidade dentro da obra. Nota-se, ainda, que a multiculturalidade pode ser representada de diversas formas, inclusive em forma de cheiro. O autor aparenta representar não apenas sua própria comunidade cultural, mas, sobretudo, mesmo repletos de estereótipos, constrói uma imagem de outros grupos distintos entre si. O objetivo para isso talvez não seja político, no sentido de reivindicar espaço para que essas minorias sejam vistas, mas é interessante pensar que, por meio do texto literário, a reflexão acerca dessa nova constituição da sociedade alemã esteja em evidência. O ser estrangeiro, tema recorrente na *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes], atravessa toda a crônica *Das Multihaus* [O edifício multicultural], assim como outros da obra.

Além disso, a literatura de migrantes é uma tentativa de um grupo de migrantes de esclarecer sua posição dentro do sistema sociocultural do país anfitrião ao descrever a realidade da vida do ser estrangeiro, para encontrar, dessa maneira,

sua própria identidade (Schierloh 1984) (VIITANEN, 2004, p. 45, tradução nossa).

A representação de determinado grupo cultural em uma produção da *Migrantenliteratur* [Literatura de migrantes] coloca em debate a própria representação do sujeito enquanto identidade. O propósito de descrever a realidade de certos indivíduos que se encontram distantes de sua terra natal, ou pelo menos tentar fazê-lo, parece suscitar o questionamento em torno da alteridade. Quem são essas pessoas? Como elas vivem? Quais são suas satisfações e angústias? Qual o seu olhar a respeito do país receptor? Essas perguntas, e outras mais, são levantadas com frequência nos trabalhos de autores estrangeiros. O que resta pensar é quem era este sujeito escritor antes de partir de sua pátria, e o que ele se tornou depois de adentrar no novo país. Talvez por isso, na citação acima, Viitanen (2004), recorrendo às palavras de Schierloh (1984), veja o processo de descrição de “ser outro” em um sistema sociocultural distinto como algo que reforce a indagação: qual é a minha identidade?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As obras de Wladimir Kaminer, de modo geral, abordam temas que permeiam o imaginário de quem se aventura em terras estrangeiras. O próprio autor, bem adaptado à

sociedade alemã, coloca em debate a questão da transitoriedade das identidades na modernidade. Se no início da produção literária de autores estrangeiros os temas giravam em torno dos problemas enfrentados no novo país e da saudade da pátria, atualmente nota-se uma outra perspectiva. Conforme Viitanen (2004), pode ser que os autores migrantes, na fase inicial, escreviam geralmente sobre o trabalho, a discriminação e o isolamento, mas gradualmente mudou-se o foco dos textos da situação específica dos *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados] para a reflexão sobre a situação política e social geral na Alemanha.

Schönhauser Allee (2001) surge como um exemplo da mudança de foco desde a literatura dos *Gastarbeiter* [trabalhadores convidados]. Passados todos esses anos, Kaminer não sugere evocar um retorno à Rússia ou apontar uma falta latente de seu país de origem. Em muitos trechos da obra é possível encontrar inúmeras referências a sua terra natal, até mesmo histórias do passado e de sua família. Mas o que desponta como significativo é a tentativa de, de certo modo, ler e compreender os comportamentos sociais dentro daquela nova sociedade representada em Berlim. Não parece haver um sentimento de isolamento ou a sensação de discriminação, embora, como já visto, os estereótipos e as falsas leituras de personalidades estejam presentes na narrativa. Esta parece ser uma nova etapa da literatura

produzida por imigrantes: pensar sua inserção social e debater, ou pelo menos expor, os embates e as dificuldades de residir em outro país.

O edifício da crônica *Das Multihaus* [O edifício multicultural], por exemplo, representaria uma forma de convivência marcada por divergências, mas também por tolerância. Embora o narrador tenha uma visão até distorcida de seus vizinhos e veja determinados comportamentos destes como algo excêntrico, não foi possível encontrar em todo o texto alguma cena de briga ou discussão que faça romper com o respeito mútuo. Pensar a multiculturalidade, isto é, os comportamentos e a coexistência de culturas distintas dentro de uma dada sociedade como algo presente na obra ressalta, por um lado, certa dificuldade em lidar com o que não nos é familiar mas, por outro, aponta que ser multicultural faz parte de nosso cotidiano social já que o contato e a convivência com diversos grupos sociais e heterogêneos são inerentes à modernidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005. 110 p.

BEYERSDÖRFER, Frank. **Multikulturelle Gesellschaft:** Begriffe, Phänomene, Verhaltensregeln. Münster: LIT Verlag, 2004. 295 p.

CRHOVÁ, Hana. **Vladimir Vertlib und Wladimir Kaminer im Vergleich.** 2011. 81 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemãs) – Faculdade de Letras, Universidade de Masaryk, Brno, República Tcheca, 2011.

HEINRICH-BÖLL-STIFTUNG. Online-Dossiê.

Migrationsliteratur: Eine neue deutsche Literatur?. Berlim: Vi.S.d.P. Olga Drossou, MID-Redaktion, Heinrich-Böll-Stiftung, 2009. Disponível em: <http://www.migration-boell.de/web/integration/47_1990.asp>. Acesso em: 11 nov. 2019.

KAMINER, Wladimir. **Schönhauser Allee.** Munique: Wilhelm Goldmann, 2001. 191 p.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais,** site, 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SCHMITT, Silke. Ein Held am Prenzlauer Berg: Wladimir Kaminer erzählt Geschichten von der „Schönhauser Allee“. **Literaturkritik.de**, site, 2003. Disponível em: <http://www.literaturkritik.de/public/rezension.php?rez_id=5322>. Acesso em: 09 jul. 2019.

STOLARCZYK-GEMBIAK, Anna. **Migrationsliteratur als transkulturelle und transnationale „andere Literatur“ oder ‘neue Weltliteratur’?** Der Forschungsstand. Koniner Sprachstudien, Konin, Polônia, n. 2, p. 187-201, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.ceeol.com/search/article-detail?id=515910>>. Acesso em: 16 set. 2019.

VIITANEN, Katja. **Identität in der Fremde:** Dargestellt am Beispiel der deutschen Migrantenliteratur. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Tradução) - Instituto de Linguística e Estudos de Tradução, Universidade Tampere, Tampere, Finlândia. 2004.

WELSCH, Wolfgang. **Was ist eigentlich Transkulturalität?** Bielefeld: Transkript Verlag, 2010, p. 39-66. Disponível em: <http://www2.uni-jena.de/welsch/papers/W_Welsch_Was_ist_Transkulturalit%C3%A4t.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Recebido em: 06-11-2019

Aceito em: 13-01-2020